

## **“MINHA TERRA É MENINO”: MEMÓRIAS DA PRINCESA DO SERTÃO NA POÉTICA DE EURICO ALVES BOAVENTURA**

**Eronize Lima Souza**

Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia

Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Saúde da Universidade Estadual de Feira de

Santana

Professora da Secretaria da Educação do Estado da Bahia

E-mail: [eronize@gmail.com](mailto:eronize@gmail.com)

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo a análise dos poemas do feirense Eurico Alves Boaventura, publicados em periódicos da Bahia entre os anos de 1928 e 1940. Leitor privilegiado do urbano, encontrei nas suas narrativas elementos culturais cuja abordagem histórico-literário possibilita um olhar singular para a (re)construção das tensões internas do período de consolidação dos “tempos modernos” feirense. Membro da elite intelectual da cidade, Eurico procura inscrever nos seus poemas e crônicas as glórias do seu passado pastoril e o nome dos grandes fazendeiros da região. Isso no momento em que procurava-se afirmar no cenário urbano a identidade comercial de Feira de Santana, tomando como elementos condenatórios do espaço urbano tudo que remetesse a uma memória social da cidade atrelada ao passado das casas-de-fazenda, a cultura negra e as antigas autoridades “fidalgas e vaqueiras”.

Palavras-Chave: Feira de Santana. Memória. História e Literatura. Eurico Alves Boaventura.

### **ABSTRACT**

This paper objective analyse the Eurico Alves Boaventura poems's, published in periodics from Bahia between the years 1928 and 1940. Peculiar reader at urban, find in his narratives cultural elements whose aboard historic-literary must us a singular view to the (re)construction of interned tensions to the period of consolidation to “modern times” to Feira de Santana city. Member of intelectual elite's feirense. Eurico pretends inscreble in his poems and cronics the glories to his pastoril past and the name of the region's farmers. This in the moment who find afirme in the urban scenery and the comercial identity from Feira de Santana which condeneted elements from urban espace, every who remeted to a social memory from the city with a past to farms house, black culture and the antigues authorities “fidalgas” and “vaqueiras”.

Key words: Feira de Santana. Memories. History and Literatura. Eurico Alves Boaventura.

O presente estudo compreende dois momentos de reflexão. No primeiro, analisarei quatro poemas do feirense Eurico Alves Boaventura, publicados em periódicos da Bahia entre os anos de 1928 e 1940, reunidos no livro: *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do Sertão*, organizado por Rita Olivieri-Godet (1999). A partir da interface entre História e

Literatura buscarei evidenciá-los como fonte de pesquisa para o estudo de Feira de Santana durante a agitada década de 1930. No segundo momento, apresentarei algumas reflexões sobre as possibilidades de leituras e leitores desses textos.

O documento literário, do mesmo modo que o documento histórico, expressa um modo de percepção e entendimento de uma dada realidade pautado em referenciais de cultura. Entendo cultura, conforme definição de Ginzburg, como “[...] o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos próprios de uma dada classe social” (GINZBURG, 1987, p.16). A compreensão de que a Literatura constitui, além de um labor estético, uma manifestação cultural - portanto uma possibilidade de (re)criação do homem em dado momento de sua historicidade, seus anseios, sua visão de mundo - tem permitido ao historiador tomá-la como objeto de estudo.

Ampliando a discussão da relação entre História e Literatura, Chalhoub e Pereira (1998) nos colocam diante da possibilidade de pensar a Literatura como evidência histórica, objetivamente situada no seu tempo a partir das perguntas que o historiador lhe faz sobre o passado, neste sentido a proposta é de “[...] historicizar a obra literária, seja ela romance, conto, poesia ou crônica e inseri-la no momento da sociedade” (Idem, p.7).

A partir das problemáticas e pressupostos teóricos dos estudos da cultura, mais especificamente da Nova História Cultural (que proporcionou a abertura de novos objetos de pesquisa e a utilização de novas fontes entre as quais os textos literários), considero Literatura e História como representações produtoras de sentidos e significados instauradoras de uma dada forma de ver e de dizer uma realidade específica que atuam com métodos e fins diferentes. Para o historiador que se volta para a Literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de verdade ou autenticidade do fato, mas a representação do mundo que essa narrativa comporta (PESAVENTO, 1998, p.22). Neste entrecruzamento da História com a Literatura tomo como pressuposto teórico o conceito de representação, conforme pontua Pesavento,

A categoria da representação tornou-se central para as análises da nova história cultural, que busca regatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de idéias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade (1998, p.19).

Partindo da compreensão de que a categoria representação envolve uma relação ambígua entre ausência e presença, quero compreender como na poética de Eurico Alves a consolidação dos “tempos modernos” feirenses foi por ele “construída, pensada, dada a ler” (CHARTIE, 1990, p.17). A busca dessa compreensão requer atenção para o uso da história e do lugar da memória no fazer literário desse poeta que toma como tema de inspiração a sua cidade natal: Feira de Santana. Como leitor privilegiado do urbano, suas poesias apresentam-nos elementos culturais cuja abordagem histórico-literária possibilita-nos um olhar singular para a (re)construção das tensões internas do período de consolidação dos “tempos modernos” feirense.

Apesar de evocarem a mesma dimensão temporal - o passado - a história e a memória guardam diferenças pontuais entre si. O historiador francês François Dosse (2003) distingue história e memória a partir das reflexões do sociólogo Maurice Halbwachs que, no início do século, opôs estes dois universos colocando ao lado da memória tudo o que flutua, o vivido, a imagem e o afeto, pertencentes a grupos e indivíduos que são vetores efêmeros. Já a história caracterizar-se-ia por seu caráter crítico, cultural, problemático e laicizante. Segundo Dosse

(2003), na década de 1980, Pierre Nora retomou e ampliou as reflexões de Maurice Halbwachs e assim estabeleceu a distinção entre história e memória:

A memória está inteiramente do lado do vivido, enquanto os acontecimentos históricos desempenham o mesmo papel que as divisões de tempo marcadas sobre um relógio ou determinadas pelo calendário [...]. A história encontra-se, portanto, relegada a uma temporalidade puramente exterior, um tempo de fora, simples concha e puro receptáculo do vivido existencial. Enquanto a memória é concreta e pode ser comprovada pelos múltiplos lugares de cristalização [...], a história encontra-se na vertente da separação teórica. A disciplina histórica encara, portanto um saber abstrato [...], indispensável para restituir um passado fora da dimensão do vivido (DOSSE, 2003, p.280-281).

Ao lidar, como a noção de memória e pensá-la como referente aos grupos vivos concordo com Raphael Samuel (1997) quando propõe que:

[...] a memória, longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenamento; um banco de imagens do passado é isto sim, uma força ativa, que molda, que é dinâmica \_ o que ela sinteticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo (1997, p. 44).

No caso de Eurico Alves suas memórias constituem objetos históricos, pois elas ajudam identificar o que era lembrado, recordado ou esquecido pelo grupo do qual ele fazia parte. Buscando restaurar costumes, tradições e modos de sociabilidades ameaçados pela modernidade, o poeta reivindicava para si a condição de fala autorizada (por ter visto e experimentado) para registrar a história verdadeira, de um lugar e de uma gente definida como sertanejos (SOARES, 2003). Nessa empreitada assume o lugar de sujeito revelador dessa verdade através do olhar percuciente de poeta. Para tanto, Alves lança mão de suas memórias e transforma a sua cidade em matéria poética. Tomando de empréstimo o termo forjado por Pierre Nora (*apud* DOSSE, 2003), pode-se chamar esse poeta de “homem-memória”.

## **MOMENTO 1: MEMÓRIAS DA PRINCESA DO SERTÃO NA POÉTICA DE EURICO ALVES BOAVENTURA**

Os anos 30 (século XX) são lembrados em Feira de Santana como a época em que a cidade despontou como terra da prosperidade, do espetáculo, do progresso e da modernidade, alcançou posição de prestígio no cenário regional e atraiu brasileiros de diversas procedências. O espaço urbano feirense era constituído de símbolos que poderiam ser identificados com o progresso que vinha sendo experimentado pela cidade: ruas movimentadas, automóveis, novos estabelecimentos comerciais, aberturas de pequenas fábricas, pensões, hotéis, clubes e entidades recreativas, escolas, cinemas, serviços de correios e telégrafos, luz elétrica, emissora de rádio, implementação de projetos de melhoramentos do perímetro urbano, construção e manutenção de edifícios públicos, incremento da indústria e

expansão dos volumes dos serviços comerciais decorrentes da abertura de várias rodovias (POPPINO, 1968; ALMEIDA, 1998).

Em meio a essas transformações surge uma geração de poetas que tomam a cidade como objeto e tema de seus textos, que em conjunto constituem “lugares de memórias” dos tempos modernos de Feira de Santana<sup>1</sup>.

Segundo Oliveira (2000b), a produção literária publicada entre a terceira e quinta décadas do século XX em Feira de Santana esteve subordinada a duas motivações principais. “Uma fazia surgir uma cidade como espaço territorial talhado para o progresso, obedecendo a certo “destino manifesto”. A outra era de cunho saudosista e tinha como objetivo realçar os elementos identitários que deram origem à construção da cidade. Nesta última perspectiva se destacou Eurico Alves Boaventura.

Eurico Alves Boaventura, poeta, cronista, ensaísta e contista, nasceu em Feira de Santana no dia 27 de Junho de 1909, filho de Gonçalves de Santana Boaventura e Maria Amélia Boaventura. Viveu a infância e início da adolescência morando em uma residência nas proximidades da Praça dos Remédios em Feira de Santana, cidade que ele insistia em escrever em suas poesias com apóstrofo e dois enes (Sant`Anna). Aos 14 anos mudou-se para Salvador onde iniciou a vida intelectual. Devido à escassez de estabelecimentos de ensino secundário e superior era comum aos que pretendiam dar continuidade à formação educacional, deslocarem-se para a capital onde estavam as mais recomendadas instituições de ensino de segundo grau e as poucas faculdades de então, notadamente de Medicina e Direito (SILVA, 2000). Interessado pela criação literária, Eurico aos 19 anos, participou do grupo fundador da Revista Arco e Flexa que de 1928 a 1929 reuniu escritores sensíveis à tendência de renovação estética literária do Modernismo, movimento literário já iniciado no centro-sul com a Semana de Arte Moderna ocorrida entre 11 e 18 de fevereiro de 1922 na cidade de São Paulo (DÓREA, 1974).

Segundo Alves (1999), o modernismo da Revista Arco e Flexa seguindo a proposta de seu principal líder Carlos Chiacchio “[...] buscava uma forma de modernismo que não rompesse radicalmente com a tradição (...) e harmonizasse o antigo com o moderno” (p. 58). A plataforma literária deste grupo, do qual Eurico foi um fiel seguidor, intitulou-se: “Tradicionalismo Dinâmico”, por opor-se aos ímpetos iconoclastas do modernismo do sul. Embora não pretendendo ser regionalista, “o microcosmo baiano tido como propagador e difusor da cultura inicial, aparecia como referencial exclusivo do nacional [...], a brasilidade começava na Bahia” (SILVA, 2000, p.93).

Em março de 1930 Boaventura se matriculou na Faculdade de Direito da Bahia, concluindo o curso em 1933, ano em que retornou para Feira de Santana. Paralelamente à sua profissão de magistrado por várias cidades do interior da Bahia, dedicou-se a elaborar uma produção literária composta de um grande número de poemas, ensaios e crônicas de cunho sócio-literário, muitos deles ainda inéditos, que tinham como tema recorrente a sua musa preferida: Feira de Santana, para ele, Feira de Sant`Anna. Esse novo estilo literário foi verificado a partir da década de 1940. Mudança que para Juracy Dórea (1974) “[...] não foi, certamente, outra coisa, senão o profundo interesse pelos esquecidos valores culturais da região, o que levou Eurico a inclinar-se para o terreno da pesquisa sociológica” (p. 44). A sua grande obra de cunho sócio-literário é intitulada: *Fidalgos e Vaqueiros*, estudo que dedicou à “civilização do couro” do sertão da Bahia delineando a formação, a opulência e a decadência da aristocracia rural pastoril..

---

<sup>1</sup> Sobre o levantamento dos poetas dessa época ver: MORAES, Ana Angélica Vergne. **Santana dos Olhos D'Água: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930)**. Mestrado em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística. Salvador: UFBA, 1998 e PORTO, Cristiane de Magalhães. **Uma poética da mnemosyne de santana 1940-1945**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

O texto de Juracy Dórea (1999) é pontual ao destacar o lugar privilegiado de Feira de Santana na produção poética de Eurico ao longo de sua vida (1909-1974):

Feira de Santana é, compreensivelmente, na obra de Eurico Alves, tema essencial e recorrente. Primeiro, porque ele tinha pela terra natal uma paixão incontrolável, um amor sem medidas. Dival Pitombo, seu amigo, dizia, por exemplo, que esse amor era “quase furioso”, intransigente e indomável. Para ele qualquer restrição feita à Grande Amada é uma ofensa pessoal capaz de reação que atinge os limites da agressividade. Segundo, por ser a Feira de Santana de Eurico uma cidade idealizada, uma cidade que ele revela a partir de um processo de arqueologia sentimental, onde se mesclam realidade, memória e poesia (1999, p.71).

Olivieri-Godet (1999) divide a composição poética de Eurico em três eixos temáticos poeta do mundo moderno (1926-1932), cantor do sertão (canto que se anuncia no início dos anos 30 e se afirma plenamente a partir de 1934 até o final da década) e da angústia do homem moderno (poemas tardios, em torno de 1950).

Neste artigo trabalharei com quatro poemas que se inserem nos dois primeiros eixos temáticos citados por Olivieri-Godet (1999), onde urbe/campo e moderno/arcaico oscilam no espaço material dos poemas e no imaginário do poeta, que foram intitulados como: ***Minha Terra (1928)***, ***Sertanejo (1932)***, ***A Canção da Cidade Amanhecendo (1937)***, e ***Canção Para Fidalguia Das Velhas Louças Azues (1936)***.

A partir desses poemas, procurarei problematizar as pontes entre a percepção subjetiva do poeta sobre o alvorecer dos tempos modernos vivenciado por ele no presente e sua relação com o passado, no sentido em que o mesmo traduzia em sua escrita uma construção social – de seu grupo ou de uma camada específica da sociedade – que ele faria através da forma particular de interpretar os acontecimentos e de empregar a linguagem escrita visando, ao se comunicar com um público leitor, expressar a forma como esta realidade estava sendo construída, percebida e vivenciada por ele.

Sendo Eurico um homem erudito, de família aristocrata, filho da terra, que compôs a elite intelectual da época (PORTO, 1999), seus poemas em conjunto constituem textos (re)construtores de uma memória social da cidade. Segundo Walter Benjamim, citado por Kothe (1976) “[...] as obras literárias, mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo também uma historiografia informal” (p.78-79).

É a partir dessa historiografia informal que pretendo adentrar no alvorecer dos tempos modernos da Princesa do Sertão<sup>2</sup>. Considerando-os como produto de um contexto histórico os poemas servem para uma leitura da cidade ao evidenciar além das formas do traçado urbano, as edificações, as tensões sociais e a (re)criação de uma cultura urbana.

Os poemas selecionados são de recordação e evocação da sua querida cidade natal e tiveram como base as suas lembranças de infância, adolescência e visitas à cidade apenas finais de semana ou férias. Esses poemas constituem documentos indicativos de como a vida da cidade estava se fazendo e sendo recebida por essa nata da intelectualidade diante da nova fisionomia urbana com perfil marcadamente moderno.

---

<sup>2</sup> O conjunto das mudanças estruturais e o aumento do volume de negócios estabelecidos nas feiras livres levaram Rui Barbosa, em visita à cidade em 1919, a conferir o título de Princesa do Sertão à cidade. “Ser Princesa do Sertão significava assumir o posto de cidade mais importante do interior do Estado, uma espécie de segunda capital baiana, ver: OLIVEIRA, Clovis Frederico R. Moraes. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em feira de santana (1893-1937)**. Dissertação de Mestrado. Salvador : Mestrado em História/UFBA. 2000a, p.09.

A atitude em preservar a memória urbana por meio das lembranças, permitindo reviver velhas experiências e (re) construir momentos históricos da cidade de Feira de Santana e desse modo dotá-la de uma identidade urbana capaz de torná-la reconhecida aos seus habitantes, remete de um lado à tradição, ou seja, ao passado, e, do outro, registra o tempo presente em sua nova dinâmica. O que singulariza e distingue tais narrativas é a imagem do novo se sobrepondo ao velho, o que torna a paisagem citadina um lugar pouco familiar aos velhos habitantes.

Ganha destaque nos poemas selecionados, a descrição detalhada das novas relações sociais que são estabelecidas e a afirmação dos elementos culturais que compuseram a história de Feira de Santana no momento em que tais elementos eram estigmatizados, o que sinaliza uma luta pela memória do espaço em questão por diferentes grupos sociais no período analisado. Por meio das lembranças o memorialista traz à tona o conflito entre dois tempos, dois espaços absolutamente distintos que justificam o seu registro, pois era preciso contrapor as perdas irreparáveis de um tempo que passou, em torno do qual gravitam ruptura e deslocamentos com a chegada de novas experiências pouco familiar a um passado de outrora. Dessa forma, por meio das lembranças, procurava-se preservar a memória urbana da cidade sem, no entanto, deixar de exaltar o seu progresso. Segundo Halbwachs, citado por D`Aléssio (1992/1993), quando um grupo desaparece a maneira de salvar as lembranças exteriores aos novos grupos “[...] é fixá-la por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”(p. 98). Tal iniciativa se confirma ao longo de toda produção literária de Eurico.

O desejo de dar visibilidade a sua terra natal perpassa em toda a narrativa do poema **MINHA TERRA**, publicado na revista Arco & Flexa em 1928. No interior desse discurso nos interessa o perfil de cidade masculinizada de Feira de Santana. O poeta ressalta características próprias de uma cidade do interior que conviveu durante muito tempo com padrões de normalização da ordem impostos pela arma, pela coragem e pela valentia, sustentados na figura do coronel, figura de ordem e de paz. Observa-se que essas eram características que passavam no momento da escrita do poema pelo crivo dos novos agentes sociais que procuravam impor padrões de sociabilidade concentrados no poder centralizado do Estado e não mais em um sistema de valores centrados na coragem pessoal. Assim Eurico escreveu,

Minha terra não é moça, minha terra é menino, que atira badogue  
Que mata moço,  
(...)  
Minha terra é menino um vaqueirinho vestido de couro  
As calças de couro cobrindo as listradas, o parapeito e o jaleco, o chapéu  
enfeitado de linha vermelha...  
O menino já anda com a faca na cinta  
(...)  
Tem pistola, porque tange comboio.  
Minha terra não é moça.  
Minha terra é menino.

O uso da faca e da pistola tinha uma dupla finalidade. Estes utensílios serviam como instrumentos de trabalho e de proteção, uma vez que, por muito tempo a monopolização da violência física “legítima” esteve atrelada ao poder privado dos coronéis da terra, onde boa parte dos conflitos não eram resolvidos por meio da mediação da justiça pública, mas pelas normas de conduta socialmente partilhadas em vários pontos dessa região que legitimavam a

prática da violência interpessoal<sup>3</sup> como mecanismo de resolução das querelas (BOAVENTURA, 1989, p.359). Esses elementos, no alvorecer dos tempos modernos da Princesa do Sertão, deixaram de ser reconhecidos como elementos de prestígio social, relegados a sinônimos de barbárie e incivilidade.

Na busca pela consolidação de um espaço público socialmente harmonioso, o projeto de modernização defendia que os conflitos sociais deveriam ser resolvidos através de um processo de racionalização, de incorporação de procedimentos contidos e regulados pelas ações jurídicas e policiais.

Eurico apresenta sua terra sexualmente afirmada na figura de “um garoto mulato”, “um vaqueirinho vestido de couro” rompendo com a tentativa de silenciamento de um passado pastoril que a nova conjuntura de modernidade ameaçava ao esquecimento. Aos homens desta cidade somente o temor as superstições da sua religiosidade lhes eram permitidas,

Mas ele só tem medo das almas do outro mundo (...)

O menino só anda com patuá no pescoço pra tirar o azar.  
Ele tem também medo de comadre caipora que mora na grota e era casada com Judas.

Não lhe fales em zumbi, nem no feio lobisomem  
Nem no filho que matou o pai  
E virou um bicho muito grande e cabeludo.

No poema *O Sertanejo*, Eurico Alves toma os vaqueiros como personagens modelos de verdadeiros homens, de machos corajosos, contrastando com o perfil de doutores dos homens citadinos. Na Princesa do Sertão, onde a maior virtude sempre foi a coragem, a macheza desses homens era testada no dia-a-dia da sua labuta, frente a uma paisagem naturalmente hostil. Por isso nosso poeta clamava,

Citadino, vem ver a glória viril da careira entre as touceiras emaranhadas de calumbis, na batida, e o rápido salto veloz sobre troncos de mandacarus e juremas aduncas e alegria cheia de sol dos salta – moitas, trovando no rancho.  
(...)

Olha: na careira desbragada,  
Lembra este grupo de vaqueiros raspando velozes  
um doido incêndio de labaredas morenas nos caminhos empoeirados.

(...)

Vaqueiro do meu sertão  
Teu canto é bom, cheira a mato novo molhado de chuva cheira a pasto maduro,

<sup>3</sup> Assim denominei os crimes violentos cometidos por indivíduos ou por um grupo pequeno de indivíduos. Entre outros exemplos é possível citar: o assalto, o homicídio, a tentativa de homicídio, o seqüestro, etc. ver: ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: NOVAIS, F. (Coord). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.269.

A calumbis e candeias no outono...

Lembra meneios de corpos de meninas no banho sob bambus e jabuticabeiras de manhã.

Ao destacar em *O Sertanejo* a figura simplória do vaqueiro, Eurico ratifica o seu testemunho de um passado do qual o presente deveria se orgulhar e não ocultá-lo<sup>4</sup>. Nesse poema, o poeta reafirma as características da gente de sua terra, cuja masculinidade está associada diretamente a imagem de homem “forte como um potro bravio”, marcado pela coragem, audácia, arrogância e virilidade. Na qualidade de representante da ilustrada elite do pastoreio, Eurico convida o cidadão para experimentar a vivência e a experiência dessa gente que embora tenha uma ação heróica não só na sua terra, mas na conquista do território brasileiro, tinha suas ações constantemente vigiadas e policiadas no espaço urbano. E tentando seduzir o (a) leitor(a) assim convidava:

Vem experimentar o sabor de distâncias que há no canto de vaqueiros, tirando e tangendo a boiada impaciente pelos chapadões e apicuns, onde a luz bailarina nua pelos bastidores. Este canto místico e religioso, quando os ventos sopram e guiam entre as moitas acorocadas, invejando-o.

Nunca viste o esplendor integral da vida!

Vem ver como é bom ser sertanejo!

Vaqueiro, canta a tua canção que tem perfume de horizontes ignorados, canta o teu canto cor de alvorada sob o sol de setembro.

(...)

E, ouvindo o teu canto,

vaqueiro destemido do meu sertão,

penso no Brasil vivendo!

penso nos dias maravilhosos, que hão de chegar,

as manhãs de ouro e esplendor que hão de envolver a nossa

paisagem,

que hão de aleluar como pássaros sobre os meus

pensamentos ...

Ouvindo o teu canto, sertanejo, meu irmão, ouço o Brasil,

Ouço o canto polifônico das cidades extraordinárias, o

canto multiforme das roldanas e dos dínamos nas usinas ,

O canto dos guindastes atletas e possantes, sertanejo irmão,

Levando o teu esforço, o teu trabalho, o teu ritmo jovem, para o

ritmo cansado das cidades legendárias que não conheces.

Por que todo o Brasil nasce do teu gesto

edificador.

Orgulho de ser forte como o potro bravio

E de ser bom como o céu!

Na agitada década de 1930 viver heroicamente como os personagens retratados no poema *O Sertanejo*, as expressões de força, coragem e valentia do homem feirense apareciam nos discursos jurídicos e jornalísticos como sendo um dos principais obstáculos a serem enfrentados pelo poder local na tentativa de consolidação da imagem de Feira de Santana como uma cidade “ordeira”, “moderna” e “civilizada”. As práticas e comportamentos ditos

<sup>4</sup> Eurico Alves parece responder nesse poema, à Lei publicada no Jornal Feira do Norte de 05/jun./1928 que proibia o tráfico de vaqueiros com suas boiadas no centro da cidade.



“indesejáveis” passaram a ter uma vigilância mais estreita e constante para garantir a disciplina e a ordem nessa cidade partícipe do mundo civilizado. Os comportamentos e atividades dos vaqueiros que entraram na mira dos discursos civilizadores, desde o final da década de 1920, foram taxados de “práticas abusivas [...] além de criminalizadas pelos poderes públicos” (OLIVEIRA, 2000a, p.47) <sup>5</sup>.

O combate à tentativa do silenciamento de uma memória pastoril que se buscava impor a cidade de Feira de Santana leva o nosso poeta a se prestar ao esforço de preservar símbolos culturais para novas gerações que atestassem a presença viva de um passado de glórias ameaçado ao esquecido pelo dinamismo dos novos tempos.

Esse esforço é muito bem percebido no poema ***Canção para Fidalguia das Velhas Louças Azues***. Nesse poema, Eurico Alves expressa o seu comprometimento/preocupação com a preservação de elementos simbólicos que remetessem ao patrimônio histórico da sua família e, por consequência, de outros personagens da sua cidade. Tal empreitada o leva, nas primeiras linhas do referido poema, a observar e registrar o papel das suas irmãs nas tarefas de fiscalização do trabalho da empregada e zelo pelo patrimônio da família. Assim relata: “*Hoje, sob a vigilância das minhas irmãs, a empregada limpou e arrumou com cuidado e carinho, a velha louça amiga de florões azuis*”.

Os elementos materiais que mereceram a atenção redobrada do autor eram:

(...) as bojudas terrinas, os preguiçosos pratos, travessas sonolentas e fartas, os heráldicos jarrões orgulhosos, tudo azul, cheio de bizarras, maravilhosa, miniaturas de pássaros canoros e paisagem da Ásia. A aristocrática louça azul, amável recordação da abundância dos meus avós (...) <sup>6</sup>.

Com uma particularidade própria de alguém que viveu no período ou tem familiaridade com os elementos ora em apreço, a narrativa do poema revela um mundo quase que real aos olhos do leitor, mundo este construído a partir de elementos materiais (as louças) e emocionais (as lembranças) sustentados a partir das diversas recordações que aqueles artefatos lhe possibilitavam. Além disso, a linguagem fluida, quase coloquial, torna o poema uma espécie de relato oral da memória individual, historicizada no momento da construção poética,

(...) quando a luz clara do alampadário da sala de jantar espalha carícias, de leve, nestes pratos orgulhosos, há confidências de sombras evocando o passado. A doce voz das sombras que a alma compreende e o coração escuta...

Tem histórias singelas estes pratos azuis...

Estes pratos que andaram, com cuidado, nas retinas mãos negras dos escravos, outrora e agora vêm viver na alegria de nossa mocidade.

As recordações diversificadas que essas relíquias podem oferecer como legado cultural a essa família, integrante do passado agropastoril feirense, fazem com que o poeta sensibilize o leitor e a empregada para a importância de manter o passado vivo, a fim de que este seja perpetuado às futuras gerações por meio da manutenção de elementos simbólicos e da sua

<sup>5</sup> Ver também, Código de Posturas Municipais, Decreto Lei de n. 1 de 29/dez./1937.

<sup>6</sup> Disponível também no exemplar do Jornal Folha do Norte, Ano XXVII, n. 1633 de 26/out./1940, p. 1.

permanente utilização. Dirigindo-se diretamente a sua empregada num tom de veredicto, decorrente menos da força do hábito de sua profissão de magistrado, do que da sua preocupação de preservar símbolos de sua história, a qual ele viveu e experimentou, lhe dá a seguinte ordem; “\_Cuidado com esta louça, menina, olhe como coloca a travessa maior!”. Segundo Soares (2003) é o sentimento de perda que faz emergir na consciência do poeta a necessidade de que os símbolos desse passado sejam examinados, biografados e conservados. Afirma ainda Soares que,

(...) no entrechoques do indivíduo com o social e frente ao declínio de uma tradição, Eurico assume o lugar de homem de memória, procurando garantir a permanência de um universo sócio-cultural, seja pela via do registro escrito, seja indicando vestígios onde ele pode ser encontrado e repostado, seja sugerindo lugares para sua guarda, cristalização e culto (2003, p.102-103).

Além da sua familiaridade com a história destas louças oferecida ao seu pai por uma tia, Eurico revela seus conhecimentos sobre elementos que constituem para ele, a identidade dessa urbe, mostrando costumes e tradições da população que deu origem a cidade, cenário em que seus familiares fidalgos formam protagonistas.

Sobre as festas e as comidas tradicionais, assim nos diz o poeta,

(...) e olhando estes pratos vetustos, lembro dos opíparos jantares desta minha tia-avó fidalga. Saboreio o cuscuz, e o arroz doce cheiroso, o leitão assado, com laços de papel nas pernas tostadas e azeitonas retintas nas órbitas vazias...  
O peru recheado, destrinchado com arte, no elegante jantar do meu batizado,  
Os doirados ensopados, as canjicas cor de sol em noites de junho...

A louça que encanta, exala frente à saudade desses momentos ímpares de sociabilidade “(...) o perfume silencioso destes dias desaparecido”, silenciando “(...) a voz doce que o coração escuta e a alma compreende (...)”. No decorrer de todo o poema a sociedade aristocrática feirense vai aflorando de forma transparente, cheia de vida e calor, porém carente de recursos na luta pela sobrevivência no contexto em que se procurava afirmar no cenário urbano a identidade comercial de Feira de Santana e tomava como elementos condenatórios do espaço urbano, tudo que remetesse a uma memória social da cidade atrelada a esse passado das casas-de-fazenda, da cultura negra e das antigas autoridades “fidalgas e vaqueiras” (OLIVEIRA, 2000a, p.18).

A vida urbana da moderna Feira de Santana que se gestava no limiar da década de 1930 é acompanhada pelo registro semanal do Jornal Folha do Norte, o qual elegia em seus exemplares os símbolos que poderiam ser tomados como referenciais do progresso que vinha sendo experimentado pela cidade. Entre os principais símbolos dessas modificações estruturais ocorridas no cenário urbano mereceram destaque: a Telefonia Urbana instalada em 1931, o Colégio Santanópolis (1934), a Luz Elétrica oriunda da Hidrelétrica de Bananeira (1935), o Cine Santana (1937), as Empresas de Correio e Telégrafos (1937), a Academia Feirense de Letras (1937), o Campo de Aviação (1942) os Currais Modelos (1942), o Feira Tênis Clube (1944), a Rádio Sociedade (1948) e a Associação Comercial Feirense (1945), entre outros.

Sempre preocupado em acompanhar as mudanças de sua cidade natal, Eurico no poema ***Canção da Cidade Amanhecendo*** apresenta um quadro detalhado das novas condições

econômicas e sociais da moderna Princesa, dando asas à imaginação na (re)criação de um mundo que transcende o ficcional aos olhos do leitor contextualizado com o tempo retratado. Na tentativa de registrar a composição social do novo território urbano, agora mais heterogêneo que nunca, e ao mesmo tempo demarcar a nova fisionomia da cidade que se delineia com a abertura de novas ruas, melhoria públicas e o incremento de novas tecnologias, Eurico nos apresenta imagens da sua cidade adolescente, captadas por meio da atenta observação de alguém que procurava (re)conhecer este espaço,

Feira de Santana, minha cidade adolescente!

Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas  
e o alegre movimento do bairro comercial,  
há vivo rumor que se espalha pelas tuas ruas largas e retas como gargalhadas  
de sol,  
encantadora polifonia de sibilinas sirenes serrando a carne morena das  
distâncias,  
latejar e choques de lépidas máquinas velozes, velocíssimas,  
rodando, correndo, avançando,  
febril alarido de vozes tumultuosas,  
trauteando a canção triunfal da tua alegria.

Vozes de longe, de outras cidades perdidas no sertão e de cidades do mar,  
Vozes desconhecidas, vivendo na algaravia musical das ruas da minha lírica  
cidade;  
Vozes comerciais planejando negócios, calculando despesas, vozes rudes dos  
sertões bravios e longínquos,  
Cenariando na tua boca besuntada de sol;  
Vozes amigas confraternizando-se na alegria do encontro imprevisto, de  
estudantes vindos de outras cidades, tagarelando a felicidade da adolescência  
de fazendeiros satisfeitos com a grita da chuva, que brinca sobre o corpo da  
terra, fecundando-a, florindo-a;  
Vozes dos operários, das fábricas, dos fabricos humildes, dos lavradores  
anônimos, dos choferes de autocaminhões que varam o Nordeste, que  
rasgam a caatinga, o planalto, levando o perfume da minha cidade;

Vozes do norte, do sul, do centro, de todas as terras produtoras em volta e,  
sobretudo,  
Bailando no ar aromal da cidade adolescente,  
A voz sonora dos bairros elegantes, das vivências de luxo dos jardins  
floridos.  
Colorido vozerio da cidade amanhecendo!  
Há na tua boca iluminada da arraiada  
A volúpia o calor das vozes criadoras que o eco espalha no teu horizonte.

O espaço urbano dos “tempos modernos” feirense registrado por Eurico era ocupado por diferentes personagens que conviviam harmonicamente - comerciantes, fazendeiros de gado, bacharéis, letrados, proprietários de imóveis, chofer, operárias, figuras anônimos –, integrantes de grupos sociais das mais variadas procedências que viam essa cidade como terra da promessa, local de (re)fazerem suas vidas. A modernidade da adolescente cidade reconcilia o rural e o urbano, o sertão e o mar, o arcaico e o moderno, o comercial e o industrial.

Procurando indicar que a população da cidade mudou e ganhou uma nova animação urbana marcada, sobretudo, pelo incremento da indústria e expansão do volume dos negócios vinculados diretamente ao crescimento da economia comercial da feira livre semanal nos dias de segunda-feira, Eurico nos apresenta esses novos personagens,

Oh! Poesia selvagem que vive no sonho de aventuras desta multidão heterogênea, que traz semanalmente nos olhos sonâmbulos e inquietos e nos gestos decididos a música do sertão,  
Desta gente bronzeada, destas mulheres cor da terra, que derramam na cidade a lembrança das terras apagadas no horizonte longínquo!...  
Na palma da tua mão anda o destino das tuas irmãs,  
Minha lírica cidade.  
Sinto o abraço fraternal das incontáveis estradas de rodagem, subindo, descendo, rasgando montanhas; a festa de buzinas agudas, fortes, fanhosas, fonfando, ora sonoras, cantarolando, no concerto dos campos abertos à vida criadora do teu povo.

(...)

A poesia desses bois mansos que romperam distâncias  
E trazem o acre perfume selvagem do mato bravo, de terra pisada, de chão Virgem, de chapadões imensos...  
A poesia que vem no canto das tuas irmãs, trazido na música dos motores dos automóveis, que fica na pauta riscada na areia pelas rodas dos que vem no aboio dos que chegam tangendo de minas e do longínquo sudoeste;  
No pensamento comercial dos que saltam de Itaberaba, Mundo Novo, Monte Alegre, Jeremoabo, de todo o Nordeste, do mar, da mata, da caatinga, de toda a parte, trazendo nas mãos o perfil dos currais deixados lá longe; na saudade dos Gerais que acompanha os vaqueiros distantes, das terras rudes e abruptas... dos grotões profundos... das serras nuas que bailam na valsa de espuma do luar...

Cidade acolhedora, hospitaleira, “Terra da promessa”, Feira de Santana no período que vai de 1930-1950 registra um rápido crescimento populacional. Segundo o censo de 1940, o município de Feira de Santana tinha àquela altura uma população total de 83.453 habitantes, sendo que destes, quase 20 mil, residindo na zona urbana. Em 1950 o recenseamento apurou uma população de 107.205 habitantes, o que levou Feira de Santana a ocupar o 4º lugar na relação dos municípios mais populosos da Bahia. Dos 107.205 habitantes recenseados a população urbana subiu para 34.277, um acréscimo de 82% (PEREIRA, 1958, p.228). O rápido crescimento demográfico verificado foi reforçado por levadas de fugitivos das secas que vinham de diversas partes do Nordeste e aportavam na cidade<sup>7</sup>, assim como pela fixação de residência de negociantes e famílias de cidades vizinhas que acompanhavam suas filhas que vinham estudar na Escola Normal - inaugurada em 1927, com o objetivo de lançar os agentes das luzes, do saber e do progresso nos remotos sertões (SOUSA, 2001)<sup>8</sup> - e no Colégio Santanópolis (inaugurado em 1934). Tais personagens foram tomados como matéria poética

<sup>7</sup> Sobre o fluxo do êxodo de trabalhadores rurais verificados nessa cidade ver: Jornal Folha do Norte 26/jan./1929, 4/jul./1931, 23/abr./1932, 14/maio/1932, 11/jun./1932, 17/set./1932, 3/jun./1939.

<sup>8</sup> Segundo essa autora “[...] uma cidade ter uma escola normal era importante símbolo de civilização e modernidade.” (p. 63).

de cunho sentimental por serem identificados como elementos característicos da adolescência feirense, cuja harmonia lírica idealizada pelo autor reforçava seu amor por sua terra,

Amo esta poesia que vive na alma clara e musical da minha cidade!  
A poesia da madrugada do seu destino!  
A saborosa e fecunda poesia que aspiro da boca, do sonho das tuas mulheres adolescentes, dos pianos nas ruas luxuosas enfeitadas de senhorinhas elegantes;  
A poesia dos dínamos, das serrarias, dos trapiches cheios da carnação perfumada das operárias novas;  
A poesia dos parques povoados de estudantes e de amores sonhadores,  
A poesia colorida dos provocadores pomares inebriantes,  
A poesia anacreôntica dos tabuleiros multicores sob o sol vadio das manhãs alegres;

O progresso como elemento que transforma o antigo espaço feirense em novo, sinalizado pelas “máquinas velozes, velocíssimas”, “vozes tumultuosas” e “desconhecidas”, foi decorrente também da abertura de novas rodovias que ultrapassando os obstáculos naturais da região que outrora dificultavam a comunicação com outras regiões e impediam a cidade de expandir seus negócios, muda a cidade definitivamente. Isso porque não só facilitou a comunicação entre as “tuas irmãs”, cidades vizinhas e áreas distantes e a dinamização do seu comércio, mas principalmente porque Feira de Santana se transformou no maior entroncamento rodoviário do Norte/Nordeste do Brasil, imprimindo uma nova dinâmica no cenário urbano com a presença de uma população flutuante indo do litoral para o sertão e vice-versa. Essas modificações foram registradas pelo autor da seguinte forma:

Trepida as calçadas das ruas, como o latejar do teu pulso moço.  
Passam os carros velozes, os autocaminhões do sertão para o mar,

Passam os carros para o sertão vindos do mar,  
Embalando a cidade com o cantarolar sonoro dos seus motores.  
Amo esta sonora poesia selvagem que canta o ar trepidamente da minha cidade,  
da minha cidade adolescente.

Face à ameaça do esquecimento, Eurico procura registrar na nova fisionomia urbana os símbolos onde se cristalizava e se refugiava a memória de um passado definitivamente longínquo, mas marcadamente glorioso. E ao fazer o inventário desses achados, destaca pessoas (*fazendeiros e vaqueiros*), lugares (*ruas aristocráticas*), cheiros (“... perfume selvagem do mato bravo, de terra pisada, de chão virgem, de chapadões imensos...” e sensações (Amor). São esses elementos de memória que (re)conecta esse homem citadino com o pé na fazenda, à sua lírica cidade adolescente.

Da sensação de perda, da ânsia em recuperar o passado de sua cidade remodelada pela efervescência dos tempos modernos, com novos hábitos, novos valores impostos pelo modo capitalista de agir e negociar, além das modificações que fizeram sucumbir antigas relações de sociabilidades em sua lírica cidade, nas quais os homens não mais adquiriam status pelo seu destemor, pela valentia, pela virilidade e sim pelo dinheiro, levaram ao nosso poeta a sentir-se estrangeiro na sua própria Sant’Anna. Em uma de suas crônicas, intitulada *A*

***paisagem urbana e o homem***, cuja data não se faz precisa, Eurico transcreve suas novas impressões da Princesa do Sertão, pouco familiares a um passado de outrora,

Cadê A paisagem tão amiga e cadê a humanidade que a movimenta?  
Hoje, a vida é uma descarga de eletricidade. Nem há mais sempre um fardo,  
um caixote junto aos balcões amigos à guisa de escabelos, para a prosa da  
tarde. Há cafés. Paga-se antes de tomar-se o café. E café em pé, apressado.  
Paga-se com uma ficha antes de receber-se a xícara. Conversa-se nas portas  
dos cafés de todo mundo. Entabulam negócios, firmam-se até promissórias  
bem gordas, ao tempo em que o café é servido. Criam-se, desfazem-se  
patrimônios ali.  
Fala-se muito. Só não se criam aquelas amizades, que as antigas palestras  
alimentavam. Fazem-se conhecimentos, mas que um aval qualquer desfaz.  
É pena...

Fica claro, no decorrer da análise da composição poética de Eurico que se de um lado era necessário descrever e registrar o passado que possibilitou este progresso, do outro, os tempos modernos com todas as transformações que acarretaram no espaço urbano não poderiam deixar de ser exaltados e fixados. Vale lembrar que este processo está ligado à mentalidade feirense que tem, na sua história, um destino manifesto ao progresso, terra da promessa. A sua atitude em preservar a memória dessa cidade remete à saudade de uma cidade por um indivíduo e por extensão de uma classe social que foi aos poucos perdendo suas referências espaciais, sua posição de prestígio, que viu os símbolos de seu poder de outrora serem estigmatizados pela forças da modernidade.

Na construção de sua poética, Eurico lança mão desses símbolos estigmatizados, de tipos e de fatos, num esforço de elaboração de uma memória social, cultural e histórica em reação à ameaça das forças avassaladoras da modernidade de silenciamento de códigos e valores ligados ao passado pastoril. Tal iniciativa e empenho são posteriormente muito bem explicitados na sua principal obra: *Fidalgos e Vaqueiros*.

## MOMENTO 2: LEITURAS E LEITORES

Neste momento, proponho discutir sobre as possíveis e diferentes leituras dos poemas de Eurico Alves. Considerando a leitura como ato criador e dinâmico e as condições de leitura como produto de um dado contexto histórico, podemos entender quais as idéias e como estas eram e são transmitidas por via impressa, assim como perceber como a disseminação das mesmas afetou o pensamento e o comportamento de uma sociedade específica. Começarei com as seguintes questões: É possível mensurar a forma e os meios como um texto foi lido e pensado nos diversos períodos históricos? Qual o sentido atribuído aos textos por seus leitores?

Recentemente, muitos historiadores têm se dedicado, parafraseando Robert Darton, encarar os mistérios da leitura. Dentre estes estudiosos tem se destacado Roger Chartier.

A tentativa de desvendar as possíveis formas de apropriação de um texto pelos seus leitores constitui um desafio estimulante e cheio de armadilhas. Ao estudar o desenvolvimento da alfabetização e a difusão da leitura durante a Idade Moderna, Chartier (1991) expõe com clareza alguns dos problemas metodológicos que envolvem essa empreita, dentre eles, enfatiza o autor o problema da quantificação precisa dos números de leitores, uma vez que, as

fontes seriais utilizadas (documentos de paróquias, notariais fiscais e judiciários) permitiam uma tiragem dos que sabiam assinar o nome, mas não podia revelar o número de leitores. Isso porque não havia correspondência direta entre saber ler e saber escrever. Chartier (1991) pontuou esse aspecto da seguinte forma:

Paradoxalmente, podemos considerar que nas sociedades antigas a assinatura identifica uma população que com certeza sabe ler, mas da qual só uma parte (impossível de numerar) sabe escrever, e que não é a totalidade dos que sabem ler, pois uma parte destes (também impossível de calcular) nunca soube assinar (p.114).

Além disso, a escrita não era partilhada de forma igualitária, ou seja, havia diferenças de gênero, profissão, espaço urbano X espaço rural, regiões geográficas e até mesmo religião.

Ainda ressaltando o problema das fontes disponíveis para tal estudo, Chartier (1991) destaca o uso dos inventários que, apesar de serem ricos em informações e de revelarem um aumento significativo da posse dos livros nas residências, no entanto, afirma o autor que “[...] em nada implica que os livros [...] foram lidos ou mesmo comprado pelo falecido; ignora os impressos sem valor que podiam construir suas leituras mais freqüentes, omite os livros preciosos ou perigosos” (p. 129).

O historiador francês destaca ainda a existência de diferentes formas de leituras – solitárias/silenciosas, conjugais, protestantes, familiares – situando-as historicamente em diferentes grupos sociais. Reconhecer as modalidades diversas e variações múltiplas de sentido do texto lido nesses ambientes, buscando compreender como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, torna-se o grande ofício do historiador da leitura.

Diferentes leitores leram e continuam lendo de formas diversas, textos literários a partir de esquemas mentais e afetivos que constituem elementos de sua cultura. Segundo Chartier, “[...] ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros” (1992, p.214). Recordando a autonomia do ato de ler enquanto uma experiência pessoal ou ligada a uma comunidade específica, este autor pontua a maneira pela qual se opera o encontro do “mundo do texto” com o “mundo do leitor”. Assim nos diz:

(...) as obras – mesmo as maiores, ou sobretudo as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis que se constroem, no entanto de uma proposição com uma recepção (...). Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1999, p.19).

A produção poética de Eurico Alves, anteriormente analisada, não compõe uma obra organizada, pois são poemas publicados em periódicos baianos. O poema *Minha Terra* foi publicado no segundo exemplar da Revista Arco e Flexa de n. 2/3. O poema *O Sertanejo* foi publicado, por sua vez, no Jornal da Bahia, 33 anos após sua produção. O poema *A Canção da Cidade Amanhecendo* foi publicado em um jornal não identificado e o poema *Canção Para Fidalguia das Velhas Louças Azues*, este último publicado no Jornal Folha do Norte em 26/10/1940. A referência à publicação deste poema no Jornal Folha do Norte é de suma

importância para o propósito desse estudo, pois segundo Porto (1999) a vida literária em Feira de Santana em especial no campo da poesia, fazia-se tendo como principal meio de divulgação esse periódico. Como mecanismo de preservação da memória no período entre 1923 e 1952 o jornal cria uma coluna intitulada Crônica Feirense, posteriormente Vida Feirense, assinada pelo fazendeiro, jornalista e escritor Arnold Silva que sob o pseudônimo de Gil Moncovo, procurava registrar especificidades do cotidiano da história de Feira que não poderiam ser negligenciadas às gerações futuras (MORAES, 1998).

O periódico supracitado, semanário editado sempre aos sábados, circulando nas segundas-feiras na cidade, para além das notícias políticas, econômicas e administrativas de cunho local, regional e nacional, destinava um espaço para área literária (poesia, crônicas, contos), dando oportunidade de publicação de textos aos iniciantes jornalistas e escritores feirenses.

No momento em análise, o jornalismo era pólo de atração intelectual na Bahia, sendo visto como uma das portas de ascensão social. Este universo era dividido entre professores, advogados, escritores, médicos, engenheiros e os que por opção se dedicavam à profissão de jornalista. Tais agentes sociais constituíam nessa época a nata intelectual desse Estado.

Em Feira de Santana o espaço jornalístico feirense possuía inigualável terreno fértil para veiculação de um discurso específico que Eurico Alves intitulava-se transmissor. Portavoz de uma verdade eterna, mas encoberta, seu discurso nesse veículo de comunicação poderia chegar ao alcance de diferentes sujeitos sociais que aportavam ou viviam em Feira de Santana, filhos (i)legítimos de Santana, santa padroeira da cidade. Desde o final do século XIX era grande a participação dos jornais na vida cultural da cidade, verificada pela grande quantidade de jornais que a circularam na cidade<sup>9</sup>.

A produção e publicação dos poemas de Eurico estão situadas em um contexto histórico em que a questão da formação da nacionalidade e identidade nacional brasileira vinha ocupando espaços de produção intelectual e política no país. Os estudos dos modernistas dos anos 20(século XX) em diante visavam aflorar os traços da nacionalidade brasileira onde os signos mais fortes da invenção dessa brasilidade podem ser percebidos na tentativa conflitiva da construção de um lugar de origem, de um perfil histórico de formação e de uma identidade única para todo o país. Qual região seria capaz de impor o seu tom ao conjunto nacional? Qual região exerceria o papel de matriz da nacionalidade? As tradições históricas-culturais e o caráter do seu povo eram os aspectos mais valorizado visando, como dizia Mario de Andrade, “a criação do todo brasileiro”. Conforme Albuquerque Jr (2001),

Este diapositivo faz vir à tona a procura de signos, de símbolos que preencham esta idéia de nação, que a tornem visível, que traduzam para todo o povo. Diante da crescente pressão para se conhecer a nação, formá-la, integrá-la, os diversos discursos regionais chocam-se, na tentativa de fazer com que os costumes, as crenças e as relações sociais de cada região que se institui neste momento, pudessem representar o modelo a ser generalizado para o restante do país, o que significava a generalização de sua hegemonia (p.48).

A grande expressão dessa tensão em torno da construção da identidade nacional foi verificada entre o Modernismo, alimentado pelo regionalismo paulistano (Sudeste urbano e industrial) e o Regionalismo (Nordeste agrário e arcaico). Nos embates regionalistas, São Paulo, Pernambuco e Bahia são tomados como células iniciais do tecido nacional, rivalizando

<sup>9</sup>MORAES, *Op. cit.*, fez um inventário dos diversos periódicos que circularam na cidade.



entre si e disputando a posição de referência como lugar de origem da nação (ALBUQUERQUE JR, 2001, p.102).

Foi neste contexto que o espaço geográfico Nordeste, segundo Albuquerque Jr (2001), é tomado enquanto construção sócio-histórica e não uma dada realidade, desde sempre. Nas palavras do autor, “[...] o nordeste, espaço da saudade, da tradição, foi também inventado pelo romance, pela música, pela poesia, pela pintura, pelo teatro, etc.” (p.106).

O Nordeste como espaço de identidade recebeu contribuição do Movimento Regionalista Tradicionalista de 1926, com Gilberto Freyre à frente da geração romancistas de 1930, apoiado por José Lins Rego, Raquel de Queiros, Graciliano Ramos entre outros, que defenderam a delimitação do espaço regional e de uma identidade nordestina, ancorados na defesa da tradição e na nostalgia em relação ao passado. Segundo Soares (2003) dentro desse contexto o discurso euriquiano pode ser lido como,

[...] desdobramento desse processo de emergência de uma nova maneira de ver, dizer, pensar e sentir o local/regional e o nacional Seus escritos aparecem povoados de novas imagens, conceitos, temas que rasuram, o antes estabelecido, configurando-se no interior de uma nova formação discursiva, a nacional-popular, cuja expressão mais acabada é a emergência do modernismo nas suas mais diversas matrizes (p.22).

Integrante do grupo Arco e Flexa, expressão do modernismo na Bahia, os poemas euriquianos se apresentam como uma reação contra o lugar periférico a que foram relegados os grupos sociais do antigo Norte – inventariado como Nordeste - na nova constelação de poderes emergentes com o alvorecer da modernidade e contra o espaço marginal do sertão no repertório da baianidade.

No trabalho com a memória, Eurico Alves dá visibilidade e dizibilidade à outra região da Bahia: a Bahia Sertaneja, marcada pela atividade pecuária cujo recorte geográfico circunscreve a região de Feira de Santana, Capital do sertão ou da civilização pastoril (BOAVENTURA, 1989)

O Nordeste de Eurico Alves ao contrário da construção de Gilberto Freyre, não é o Nordeste do açúcar, mas sim o Nordeste sertanejo, conforme estudo de Soares (2003)

Sertão: espaço outro, em tudo diferente do Recôncavo: no seu modo de vida, na sua economia, nos seus códigos culturais. Sertão bruto, despojado, sem os estardalhaços do litoral; lugar de nobreza verdadeira, de homens ásperos e rudes com a vegetação (...) destoando assim das recorrentes associações de sertão com seca, miséria, cangaço, messianismo (...) muito comum no imaginário euclidiano e posteriormente no “romance de 30” (p. 54).

A tendência da posição de Eurico Alves no debate da busca pela identidade nacional é iniciada no poema O Sertanejo, onde esse poeta inscreve o sertão pastoril como célula da nacionalidade brasileira, destacando as contribuições da atividade pastoril seja na ação heróica do vaqueiro viril, bandeirante, desbravador e conquistador das terras do interior do Brasil, seja na paisagem e cultura a ele ligada. Ao exaltar a figura do vaqueiro que remete por sua vez a aristocracia dos currais, outrora grupo dominante na região, responsável pela manutenção da economia, paz e ordem nos remotos sertões, Eurico procura destacar a importância histórica que esses personagens tiveram na História do Brasil.

Em Feira de Santana, Eurico Alves escrevia para uma população heterogênea e circulante que tinha nos cafés, nos bares, nas vendas, nos botecos e nas barracas da feira livre, principalmente nos dias de segunda-feira, coincidentemente também dia de circulação do principal periódico da cidade, espaços apropriados para arvorarem os debates sobre as notícias trazidas pela imprensa. Nessas oportunidades onde se encontravam coronéis, negociantes de gado, comerciantes dos mais variados artigos e populares, as idéias do viver, do pensar e do fazer-se da nova cidade e do país constituíam nos alicerces de construção e disseminação de uma identidade local e por extensão nacional.

Trabalhando a sua poética como espaço de memória que preserva seletivamente os símbolos de uma cultura pastoril e de seus agentes no processo de (re)construção de uma nova identidade para a Princesa do Sertão, Eurico consegue dar visibilidade às relações socioculturais intrínsecas, as experiências do viver a/na cidade durante a agitada década 1930, onde a cidade passou a conviver com a emergência de uma camada intermediária que, não possuindo bens de raiz, dedicados à criação de gado, ao comércio e distribuição de manufaturas constituíam uma ameaça as novas delimitações do poder local. A sua tônica poética essencialmente crítica, ressalta as lutas de representações que envolvem o período ora retratado. Conforme Chartier (1998) é através das lutas de representações que indivíduos ou grupos procuram impor concepções de mundo e valores determinados por seus interesses. No caso específico do nosso poeta, vivendo na égide da modernidade, ao contrário das ações que visavam o silenciamento das suas raízes sociais, sua poética enfatizava que as mesmas deveriam ser exaltadas, glorificadas, registradas e disseminadas. O seu discurso não era direcionado apenas aos que conheciam a história de Sant`Anna, mas principalmente aos que chegavam, os novos hóspedes do cenário social, cujo orgulho e a defesa das tradições dessa terra deveriam também ser suas bandeiras de luta.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed Massangrana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário personativo, histórico e geográfico de feira de santana**. Feira de Santana [ ],1998.

ALVES, Ivia. O jovem Eurico e a Modernidade: o resgate do momento cultural. IN: OLIVIERI-GODET, Rita (Org. apres. e seleção). **A poesia de eurico alves**: imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador: EDFUBA, 1989.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). **A história contada**: capítulos da história social da literatura do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa. Difel. 1990.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In: LYNN, Hunt. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (O homem e a História).

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2ed. Brasília: Ed. UNB, 1999.

D`ALESSIO, Márcia Mansor. Memórias: Leituras de M. Halbwachs. In: **Revista Brasileira de História**. V 13, N 25/26. Set 1992/Agos 1993.

DÓREA, Juracy. **Eurico alves:** poeta baiano. Feira de Santana. Casa do Sertão. 1974

\_\_\_\_\_. Eurico alves e a feira de santana. In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org. apres. e seleção). **A poesia de eurico alves:** imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

DOSSE, François. **A história**. Tradução: Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru/SP: EDUSC. 2003(Coleção História).

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KOTHE, Flavio R. **Para ler benjamim**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed. 1976.

MORAES, Ana Angélica Vergne. **Santana dos olhos d'água:** resgate da memória cultural e literária de feira de santana (1890-1930). Dissertação. (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras e Lingüística. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998.

OLIVEIRA, Clovis. Frederico R. Moraes. **De empório a princesa do sertão:** utopias civilizadoras em feira de santana (1893-1937). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000(a).

\_\_\_\_\_. Um poeta contra a Ordem. In: MORAES. Ana Angélica Vergne de, PORTO, Cristiane de Magalhães, ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia(Org). **Aloísio resende:** poemas, com ensaios críticos e dossiê. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/ Departamento de Letras e Artes/ Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural/ Projeto Resgate da Memória Literária de Feira de Santana, 2000(b).

OLIVIERI-GODET, Rita. O Sertão e a urbe: imagens do arcaico e do moderno na Poesia de Eurico Alves. In: \_\_\_\_\_. **A poesia de eurico alves:** imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org. apres. e seleção). **A poesia de eurico alves:** imagens da cidade e do sertão. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

PEREIRA, Jurandir (Org). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. V XX. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. 1958

PESAVENTO, Sandra Jathay, Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jathay(Org) **Discurso histórico e narrativa literária** . Campinas/SP: Ed.da UNICAMP, 1998.

POPPINO, R. **Feira de santana**. Feira de Santana. Itapuã.1968

PORTO, Cristiane de Magalhães. **Uma poética da mnemosyne de Santana 1940- 1945**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. In **Projeto história: Cultura e Representação**. Nº 14, São Paulo, Fev/ 1997.

SILVA, Paulo Santos. **Ancoras da tradição: lutas políticas, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)**. Salvador: EDUFBA, 2000.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da bahia sertaneja**. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural) - Programa de Pós Graduação e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2003.

SOUSA, Ione. C. **Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em feira de santana 1925-1945**. São Paulo EDUC. 2001.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no brasil. In: NOVAIS, Fernando (Coord). **História da vida privada no brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. V4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Artigo recebido em 19/mar./2009. Aceito para publicação em 26/maio/2009. Publicado em 01/jun./2009

**Como citar o artigo:**

SOUZA, Eronize Lima. “Minha terra é menino”: memórias da princesa do sertão na poética de Eurico Alves Boaventura. In: **Revista metáfora educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 6., jun./2009. p. 42-61. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.php>>. Acesso em: **DIA mês ANO**.